



Capítulo 1

A JORNADA: PISTAS PARA O SIGNIFICADO DO UNIVERSO

Certa vez eu estava pedalando pela França com alguns amigos estudantes. Num dia excepcionalmente quente, decidimos descansar um pouco à beira de uma estrada secundária. Havia uma bomba d'água ali perto e, enquanto enchia a minha garrafa, vi um homem que vinha andando rápido, balançando os braços de um lado para o outro no estilo militar.

Ao ver a bomba, ele parou e me esperou terminar. Polidamente, perguntei-lhe para onde se dirigia. “A lugar nenhum!”, ele respondeu. Acrescentou que caminhadas diárias eram sua maneira de se distrair da falta de sentido da vida. “Não estou indo a lugar nenhum. Só estou matando o tempo.” Minutos depois eu o vi se distanciando desafiadoramente, de cabeça erguida, na sua jornada para lugar nenhum.

A vida é uma jornada. As coisas são assim, quer você creia em Deus quer não creia. Estamos viajando por uma estrada misteriosa, ponderando como entender o sentido disto. Será que ela conduz a algum lugar importante? Pensando bem, será que ela conduz a *algum lugar*? E o que será que devemos fazer enquanto viajamos?

Escritores vêm ponderando sobre estas questões desde o alvorecer da civilização. E, quando tudo tiver sido dito e feito, gostaria de sugerir que existem, na verdade, duas respostas possíveis.

Para a primeira resposta, voltemo-nos para o filósofo ateu Jean-Paul Sartre (1905-80). Ele modelou o pensamento de muitos jovens inteligentes da década de 60 e não tinha dúvida alguma sobre o sentido da vida: não havia sentido. Tudo o que existe “nasce sem razão, vive por fraqueza e morre por acaso”.¹ A existência não tem razão e nem sentido. “E aqui nós nos sentamos, todos nós, comendo e bebendo para preservar a nossa preciosa vida e, na verdade, não existe nada, nadinha, absolutamente nenhuma razão para existirmos”.²

Este é um ponto de vista com o qual o estranho que encontrei na França muito simpatizaria. É, também, compartilhado pelo ateu mais conhecido do mundo, Richard Dawkins (nascido em 1941), autor de *The God Delusion* e um dos fundadores do “Novo Ateísmo”. Ele declarou que, no coração do universo, “não existe desígnio, nenhum propósito, nenhum mal e nenhum bem, nada, somente indiferença cega e impiedosa”.³ Não temos razão alguma para viver, além de propagar nossos genes. Estamos caminhando ao longo de uma estrada que conduz a lugar nenhum.

O ateísmo intransigente deste tipo assume como certo que não há Deus, nenhum reino transcendente e nenhuma “grande história” para dar sentido às coisas. Que explicação, então, ele pode oferecer para tantas pessoas acreditarem em Deus? A resposta de Dawkins é tão fácil quanto dogmática: as pessoas de fé estão *iludidas*. Elas são indivíduos de mente estreita, incapazes de lidar com a dura realidade de um universo sombrio e sem sentido e que, portanto, recorrem à invenção de significado para se consolarem.

¹ Jean-Paul Sartre, *Nausea*. Nova York: New Directions Publishing, 1964, 180.

² Sartre, *Nausea*, 157.

³ Richard Dawkins, *River Out of Eden: A Darwinian View of Life*. Londres: Phoenix, 1995, 133.

Eu costumava pensar assim também. Eu achava que pessoas inteligentes sabiam que não havia nenhum Deus, nenhum sentido, nenhum propósito para a vida e que somente tolos acreditavam o contrário. Pensar assim me fazia sentir bem, pois eu fazia parte de uma elite intelectual e cultural. Eu sei que isto soa presunçoso e arrogante, mas eu tinha grande prazer em olhar do alto para aqueles ao meu redor que criam em Deus, e me orgulhava de ser mais inteligente e sofisticado do que eles.

Na escola, uma das minhas memórias mais vívidas é de uma noite em que eu estava olhando pela janela do dormitório. Quando não estava chovendo, eu podia enxergar as estrelas como pontinhos de luz num dossel de veludo negro. Porém, embora me sentisse frequentemente deslumbrado pela maravilha do céu noturno, pensamentos sombrios me perturbavam. A imensidão do universo parecia realçar minha própria insignificância. O que era eu neste vasto contexto? A resposta era óbvia: nada.

Para a segunda resposta, vejamos a outra maneira de ver as coisas. E se o universo estiver, na verdade, pleno de pistas do seu significado? E se essas pistas conduzirem a um portal para descobrir uma ordem mais profunda das coisas e o nosso lugar nele? Este ponto de vista, que finalmente eu vim a assumir, enfatiza que o significado verdadeiro da realidade é conhecer a Deus e que, uma vez que tenhamos entendido isso, podemos dar sentido à nossa vida. Há, na verdade, um “grande cenário”, e nós somos uma parte importante dele. Na verdade, o mundo está tão ricamente sinalizado com indícios e sons do divino que os ateus simplesmente têm de diminuir a intensidade das luzes para dar à sua descrença uma oportunidade!

Em breve voltaremos a este tema central de um grande cenário da realidade. Por ora, precisamos explorar onde exatamente a ideia de “fé” se encaixa.

O que é fé?

Para alguns ateus mais entusiastas, a palavra “fé” é como uma capa vermelha para um touro. Toda fé é fé cega! Como o jornalista Christopher Hitchens (1949-2011), que se tornou um defensor premi-